

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

A stack of several open and closed books in various colors (red, blue, white) is visible at the bottom of the cover. The background behind the books is a light blue surface with faint mathematical formulas like C^2 , $C=2\pi r$, and $V=\pi r^2 h$.

Atena
Editora
Ano 2019

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 5
[recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida
Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na
Educação Brasileira; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-555-6

DOI 10.22533/at.ed.556192008

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação –
Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre
José. III. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE-BA	
Wanderson Amorim dos Santos Arlene Andrade Malta Evonete Santos do Espírito Santo Jailson de Jesus Santos Arlei Evangelista Santos Maria da Conceição Pinheiro de Santana Rafael da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5561920081	
CAPÍTULO 2	10
À EDUCAÇÃO FAMILIAR E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL	
Lucas Batista Carriconde Nathalia Rafaela Paes e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5561920082	
CAPÍTULO 3	23
O MODELO DE EDUCAÇÃO FEMININA DO FILOSOFO LUÍS ANTÓNIO VERNEY NO SÉCULO XVIII	
Dyeinne Cristina Tomé	
DOI 10.22533/at.ed.5561920083	
CAPÍTULO 4	35
MÉTODO BAMBU NO ENSINO SUPERIOR: DESENVOLVENDO POTENCIALIDADES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros Leidiane Francis de Araújo Costa Débora Morgana Soares Oliveira do Ó Reginaldo Luís da Rocha Júnior Suelayni de Azevedo Albuquerque Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros Soraia Lins de Arruda Costa Laís Helena de Souza Soares Lima Laryssa Grazielle Feitosa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.5561920084	
CAPÍTULO 5	45
METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: GESTÃO DE PROJETOS EM GERONTOLOGIA	
Maria Luisa Trindade Bestetti Tássia Monique Chiarelli	
DOI 10.22533/at.ed.5561920085	

CAPÍTULO 6	57
MODELAGEM DE FILTRO DE MICROFITA COM GEOMETRIAS DIVERSAS E DEFORMAÇÕES NO PLANO TERRA COM O PROGRAMA DE SIMULAÇÕES DE ONDA COMPLETA	
<p>Ana Paula Bezerra dos Santos Pedro Carlos de Assis Júnior Elder Eldervitch Carneiro de Oliveira Rodrigo César Fonseca da Silva Marcelo da Silva Vieira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920086	
CAPÍTULO 7	66
O CONCEITO DE IDENTIDADE DOCENTE NAS PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<p>Edlauva Oliveira dos Santos Leila Márcia Ghedin Evandro Ghedin</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920087	
CAPÍTULO 8	78
O USO DO MULTIPLANO COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE POLÍGONOS A ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS	
<p>Ana Kely de Albuquerque Sousa e Souza Abigail Fregni Lins Patrícia Sandalo Pereira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920088	
CAPÍTULO 9	87
O USO DOS JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO SIMBÓLICA COM UM GRUPO DE PROFESSORAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA	
<p>Simone Lisniowski Sandra Francesca Conte de Almeida</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920089	
CAPÍTULO 10	98
OS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE E A CIDADANIA PLANETÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO	
<p>José Auricélio Bernardo Cândido Geanne Maria Costa Torres Inês Dolores Teles Figueiredo Maria Rosilene Cândido Moreira Slayton Frota Sá Nogueira Neves Francisco José Maia Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200810	
CAPÍTULO 11	109
OS IMPACTOS DA IMPLEMENTAÇÃO DE BUSINESS INTELLIGENCE NA GESTÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO LOYOLA, EM BELO HORIZONTE (MG)	
<p>Guilherme Rodrigues Pereira Frederico César Mafra Pereira Jorge Tadeu Ramos Neves</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200811	

CAPÍTULO 12	125
A CONTRIBUIÇÃO DOS TÉCNICOS EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ NAS ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	
Jacqueline Maria Duarte Lewandowski	
DOI 10.22533/at.ed.55619200812	
CAPÍTULO 13	135
PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE QUÍMICA	
Karina Sasso Fernandes Irene Cristina de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200813	
CAPÍTULO 14	149
PERFIL DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA NA REGIÃO DO ALTO URUGUAI	
Edson Luiz Tonello Junior Izabele Brandão Krueel	
DOI 10.22533/at.ed.55619200814	
CAPÍTULO 15	160
PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS?	
Janes Santos Herdy	
DOI 10.22533/at.ed.55619200815	
CAPÍTULO 16	173
REFLEXÕES ACERCA DO FENÔMENO DA TRANSGERACIONALIDADE PSÍQUICA E DA INTERDIÇÃO DE “FALAR SOBRE” COMO OBSTÁCULOS AO APRENDER PELA EXPERIÊNCIA	
Jackeline Jardim Mendonça Vera Lúcia Blum Andréia de Fátima de Souza Dembiski Daniely Cristina Santos Souza André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200816	
CAPÍTULO 17	185
REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO TRANSFERENCIAL E A PRODUÇÃO DE DADOS NO CAMPO DA PESQUISA COM O MÉTODO PSICANALÍTICO	
Renata Garutti Rossafa Vera Lúcia Blum André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200817	
CAPÍTULO 18	197
REFLEXÕES DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA MODALIDADE EDUCACIONAL EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)	
Mateus Santos Neves Heloisa de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200818	

CAPÍTULO 19	202
REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA EMPREENDEDORA A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DOS PARADIGMAS DA ESCOLA TECNICISTA	
Claudeneý Licínio Oliveira Antônio José Müller Marcos Antonio Fari Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55619200819	
CAPÍTULO 20	218
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES E O SUJEITO DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA ANDRAGOGIA	
Alcylanna Nunes Teixeira Antoniél dos Santos Gomes Filho Tamyris Madeira de Brito Jardel Pereira da Silva Thaís Lucena Grangeiro Zuleide Fernandes de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.55619200820	
CAPÍTULO 21	230
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÕES CONTINUADAS EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Malcus Cassiano Kuhn	
DOI 10.22533/at.ed.55619200821	
CAPÍTULO 22	245
RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Luciana Rios da Silva Elaine Pedreira Rabinovich Ivonete Barreto de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.55619200822	
CAPÍTULO 23	254
REPENSANDO A PRÓPRIA VIDA: AS NARRATIVAS DOS IDOSOS EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA	
Laudicéia Noronha Xavier Annatália Meneses de Amorim Gomes Cleide Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.55619200823	
CAPÍTULO 24	265
REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE SÓLIDOS GEOMÉTRICOS EM VÍDEO: RESULTADOS PARCIAIS	
Lucilene Dal Medico Baerle Alan Vicente Oliveira Carlos Daniel Ofugi Rodrigues Carlos Roberto da Silva Cintia Fernandes Da Silva Flávia Caraíba de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.55619200824	

CAPÍTULO 25	276
SIMULADORES DE QUÍMICA DISPONÍVEIS NO PhET COLORADO: UM ESTUDO DE CASO PARA O CONTEÚDO DENSIDADE DE MASSA	
Lílian Amancio de Pinho Gomes Edilson Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55619200825	
CAPÍTULO 26	289
SÍNTESE E BIOENSAIO IN VITRO DE UM CANDIDATO À FÁRMACO	
Herbert Igor Rodrigues de Medeiros Bruna Barbosa Maia da Silva Cosme Silva Santos Romário Jonas de Oliveira Juliano Carlo Rufino de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.55619200826	
CAPÍTULO 27	297
TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: SABERES E PRÁTICAS NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO IFPA- CAMPUS RURAL DE MARABÁ	
Maria Suely Ferreira Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200827	
CAPÍTULO 28	307
TRILHA URBANA PARA DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL	
Lucélia de Almeida Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.55619200828	
CAPÍTULO 29	321
UM CAMINHO ALTERNATIVO PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES: OFICINAS DE MEDIAÇÕES DIGITAIS PELO LALUPE/UEPG	
Elenice Parise Foltran Dierone César Foltran Junior Reinaldo Afonso Mayer	
DOI 10.22533/at.ed.55619200829	
CAPÍTULO 30	331
UM OLHAR PARA A TRANSDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DE ALGUMAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL	
Rosamália Otoni Pimenta Campos Vania Roseli de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.55619200830	
CAPÍTULO 31	343
UMA ANÁLISE DAS REFORMAS ATUAIS NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: AMEAÇAS E RETROCESSOS	
Edna Sousa de Almeida Miranda Sandra Valéria Limonta Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.55619200831	

CAPÍTULO 32	355
UMA REVISÃO ACERCA DO (NÃO) EMPREGO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXPERIENCIAL AO AR LIVRE NO BRASIL	
Erich de Freitas Mariano	
Kelvy Fellipe Gomes de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.55619200832	
SOBRE OS ORGANIZADORES	368
ÍNDICE REMISSIVO	369

UMA REVISÃO ACERCA DO (NÃO) EMPREGO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXPERIENCIAL AO AR LIVRE NO BRASIL

Erich de Freitas Mariano

Universidade Federal de Campina Grande
Patos – PB

Kelvy Fellipe Gomes de Lima

Universidade Federal de Campina Grande
Patos – PB

RESUMO: O presente artigo faz uma revisão bibliográfica dos trabalhos que tratam de educação ambiental focando nas ferramentas de educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura, com uma visão crítica dos mesmos quanto ao uso dessas ferramentas na educação nacional. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo se utilizando das bases de dados Google Acadêmico, *Education Resources Information Center* (ERIC) e Periódicos Capes. Os resultados mostram que apesar dessas ferramentas educativas serem largamente utilizadas em outros países como Estados Unidos da América, Canadá, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia, ainda são pouco conhecidas e utilizadas no Brasil, onde não há uma divulgação, incentivo ou treinamento apropriado para que profissionais dessa área sejam criados. Conclui-se que a educação ambiental e suas ferramentas estão em um momento de descoberta e transformação no Brasil, onde existe a carência de novos estudos

que se utilizem dessas ferramentas inovadoras para transformar a educação ambiental, adaptando trabalhos estrangeiros para a realidade do sistema educacional brasileiro. Também há a falta de um entendimento sobre a importância de se fazer educação ambiental experiencial ao ar livre e qual seu impacto no discente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Educação ao ar Livre; Educação pela aventura.

A REVIEW ON THE (NON) USAGE OF OUTDOOR ENVIRONMENTAL EXPERIENTIAL EDUCATION IN BRAZIL

ABSTRACT: This article does a bibliographical review of the works that deal with environmental education focusing on the tools of outdoor education, experiential education and adventure education, with a critical view of them regarding the use of these tools in national education. The methodology used was a qualitative bibliographical review using Google Scholar, Education Resources Information Center (ERIC) and Periódicos Capes as database. The results show that although these educational tools are widely used in other countries such as the United States of America, Canada, England, Australia and New Zealand, they are still little known and used in Brazil, where there

is no adequate disclosure, incentive or training to create Professionals in this area. Concludes that environmental education and its tools are in a moment of discovery and transformation in Brazil, where there is a lack of new studies that use these innovative tools to transform environmental education, adapting foreign studies to the reality of the Brazilian educational system. There is also a lack of understanding about the importance of experiential outdoor environmental education and its impact on the student.

KEYWORDS: Adventure Education; Environmental Education; Outdoor Education.

1 | INTRODUÇÃO

O aumento da preocupação pública com a questão ambiental está em evidente crescimento, porém esse crescimento não vem acompanhado do adequado conhecimento sobre o tema, para que ações corretas e efetivas possam ser realizadas, o que ocasionaria uma mudança de paradigmas. Fornecer esse conhecimento é uma das tarefas da chamada Educação Ambiental (EA).

A EA vem sendo bastante discutida nessa última década. A constatação de que o avanço tecnológico tem sido associado à degradação do meio ambiente, instaurando assim aprofundamento das desigualdades e impondo a vulnerabilidade social, faz crescer o interesse mundial pelo tema (PEDRINI; COSTA; GHILARDI, 2010; RUA; SOUZA, 2010). Essa vem tentando resgatar a participação da população na solução dos problemas ambientais, uma vez que a solução dos mesmos está nas relações do homem com os recursos naturais disponíveis, desde que essas relações se deem de forma sustentável e consciente e promovam o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e habilidades que capacitem o indivíduo como um agente efetivo para a preservação e à melhoria da problemática ambiental (RUA; SOUZA, 2010; SOUZA et al., 2012).

O conceito de educação ambiental não é facilmente alcançado em sua amplitude. Ela pode ser conceituada como uma ferramenta crítica pela qual se pode alterar o comportamento tanto em nível individual, quanto em nível de sociedade (STAPP et al. 1969; DIAS, 2002). A Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, no seu Art 1º, dá a seguinte definição para a EA:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

A EA vem sendo trabalhada de diversas formas através dos anos, tanto de forma teórica quanto prática. Dentro de tais abordagens, três podem ser destacadas: educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura, cada uma com suas peculiaridades, mas com um objetivo em comum: tirar o educando do

ensino formal padrão e inseri-lo no contexto natural e/ou prático, objetivando assim um melhor aprendizado.

Embora essas três ferramentas possam ser usadas de forma quase independente entre si, há um ponto de interseção entre elas que as torna ideais para se trabalhar em conjunto os conceitos da educação ambiental.

Muitos estudos sobre educação ambiental foram e continuam sendo publicado no Brasil e no mundo, porém essas informações estão normalmente espalhadas e não conversam entre si. Esse fato dificulta o entendimento como estão às pesquisas sobre educação ambiental e o que elas exatamente focam, dificultando assim a aparição de trabalhos com métodos inovadores. Tal situação acarreta na necessidade de um trabalho que unifique este conhecimento e dê um quadro da situação das pesquisas sobre o tema, no Brasil e no mundo.

A presente pesquisa objetivou analisar e compreender as informações e ferramentas utilizadas para a educação ambiental nas publicações da área entre o período de janeiro de 2010 e dezembro de 2016, dando um enfoque à educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa, por meio de revisão da literatura. Utilizamos como base de dados o Google Acadêmico, *Education Resources Information Center* (ERIC) e Periódicos CAPES, nos quais foram localizados artigos, livros, monografias, dissertações e teses, tanto em português quanto em inglês, publicadas entre janeiro de 2010 e dezembro de 2016. Para a pesquisa, foram usadas as palavras chave: *outdoor education*, *experiential education*, *environmental education*, *adventure education*, educação ambiental, educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura.

2 | EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Primeiramente devemos entender que existem, basicamente, duas vertentes para a EA: a vertente acrítica ou conservacionista e a vertente crítica ou transformadora (MACHADO, 2010).

Na vertente acrítica ou conservacionista, o foco é a correção da postura do indivíduo, sem críticas ao sistema social e econômico no qual esse indivíduo está inserido, considerando-o que ele é perfeitamente adequado e funcional.

Já na vertente crítica ou transformadora, as correções individuais são superadas, sendo o foco virado para a criação de um pensamento crítico e uma proposta de ação coletiva, buscando as transformações sociais necessárias para que haja uma melhor interação entre a sociedade e o ambiente.

Cada vez mais autores estão abandonando a vertente acrítica da EA e adotando uma visão crítica da mesma (*e.g.*, SILVA, 2010; ROSA; MARPICA; LOGAREZZI,

2010; RUA; SOUZA, 2010; ROSA; CARVALHINHO, 2012; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; MARQUES; DIAS, 2013; ANDRADE, 2016; VIEIRA, 2016; ZULETA, 2016; SOUZA, 2016), em contrapartida alguns autores acham que estão trabalhando EA crítica, porém seus discursos ainda carregam fortes características de uma EA conservacionista (*e.g.*, NABETA; SILVA, 2010; CARVALHO; LIMA, 2010; PINHEIRO; EVANGELHO, 2010; KLEIN; TROIAN; SOUZA, 2011; SANTOS; FLORES; ZANIN, 2012; SOUZA et al., 2012).

Isso demonstra que embora haja diversas publicações sobre EA no Brasil, poucas agregam algo novo a área, continuando presas em uma visão acrítica da EA. As publicações de países como Canadá, Estados Unidos da América e vários países europeus (Inglaterra, Escócia, Irlanda, entre outros) indicam que estas comunidades já passaram da fase inicial na qual foca-se em criar uma consciência ecológica individual e partem agora para os estudos de novas ferramentas para aprimorar esse conhecimento e essa consciência ecológica, que é o caso da educação pela aventura, educação ao ar livre e educação experiencial.

3 | EDUCAÇÃO AO AR LIVRE

A educação ao ar livre (EAL), ou, em inglês, *outdoor education*, é uma das formas de se trabalhar a educação ambiental. Há certa dificuldade na literatura em se definir exatamente o que é a EAL (BIEBERBACH, 2013), porém ela pode ser vista como um método de aprendizado que se utiliza de todos os sentidos de uma pessoa e ocorre principalmente com a exposição do educando ao ambiente natural, sendo algumas vezes vista como parte da educação experiencial, graças à grande quantidade de profissionais de EAL que se utiliza de educação experiencial em suas atividades, tendo como preceito a ideia de que essa metodologia torna o aprendizado mais autêntico e os resultados mais pessoais para o aluno. (KILIMNIK; REIS, 2010; THOMAS, 2010; FIELD; LAUZON; MELDRUM, 2015; PALAVAN; CICEK; ATABAY, 2016). A educação ao ar livre é debatida e praticada já há muito tempo fora do Brasil, onde muitos trabalhos foram publicados desde as primeiras décadas do século XX (RODRIGUES; MARIANO, 2016), porém no Brasil essa ferramenta ainda é pouco utilizada.

A participação em programas de EAL tem sido associada com resultados como crescimento pessoal, melhoramento de habilidades interpessoais e desenvolvimento em grupo (PASSARELLI; HALL; ANDERSON, 2010). Esse tópico é abordado em diversas publicações e trata de diferentes perspectivas, por exemplo: trabalho em grupo, empoderamento, coragem, disciplina, resiliência, percepção, criatividade, liderança, valores morais, autoconsciência e a autoconfiança, além da motivação e persistência em superar dificuldades, entre outros (*e.g.*, ZINK, 2010; WHITTINGTON; MACK, 2010; BANDEIRA; RUBIO, 2011; BOWDRIDGE; TOMAZINI, 2011; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; SOUZA et al., 2012; ZHANG, 2013; FERREIRA,

2015; OUTWARD BOUND BRASIL, 2016).

Os programas de EAL já são inseridos em currículos escolares em vários países que já possuem uma história com esse método, por exemplo: Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Noruega, Suécia, Finlândia, Austrália e Nova Zelândia (BIEBERBACH, 2013). No Brasil ainda estamos caminhando lentamente nesse aspecto, sendo que a quantidade de programas de EAL inseridos nos currículos escolares é praticamente nula, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sequer existe qualquer menção a essa ferramenta educacional.

Fora da educação escolar, na educação não-formal, temos entidades no Brasil que atuam com a EAL, é o exemplo da *Outward Bound Brasil* e dos Escoteiros do Brasil. Ambas possuem programas que podem durar semanas e até mesmo meses. Os poucos programas existentes na educação formal raramente duram mais de dois dias, ao passo que os mesmos tipos de programas em outros países possuem maior duração, sendo mais proveitosos e eficazes (BIEBERBACH, 2013; MARIANO, 2016).

Os motivos para essa não popularização da educação ao ar livre talvez não possa ser entendidos completamente, porém a falta de divulgação e de uma cultura engajada para com o cuidado com o ambiente natural sejam fatores cruciais. Diferente de grande parte dos países anteriormente citados, que possuem culturalmente uma educação voltada para o ar livre, nos quais passeios *outdoor* acontecem semanalmente desde a creche. Além disso, há uma cultura de cuidado e preservação das riquezas naturais desses países, com políticas públicas que agem na proteção de parques e áreas de preservação, com grande investimento público e privado além de grande apelo popular para essa questão (BIEBERBACH, 2013).

Outra possível causa para a baixa popularidade da EAL no Brasil pode ser atribuída à dificuldade de qualificação de pessoas para se trabalhar nessa área. Há diversos trabalhos que abordam exatamente o profissional relacionado à execução das atividades ao ar livre, que muitas vezes é chamado de facilitador ou mesmo líder (THOMAS, 2010). Esse problema faz com que quase sempre esse papel de profissional de EAL recaia sobre os ombros dos próprios professores que se veem acometidos por altos níveis de estresse ao planejar e executar tais atividades (TAL; MORAG, 2013), tendo em vista que muitas vezes não possuem o treinamento apropriado para lidar com esse acúmulo de responsabilidades. Isso acaba por desencorajá-los a adotar a EAL como ferramenta de ensino para as suas aulas. A preocupação com isso gerou trabalhos focados em examinar novas ferramentas e papéis para os profissionais de EAL (*e.g.*, BROWN, 2010; THOMAS, 2010; TUCKER; RHEINGOLD, 2010; HILL, 2010; BERKERS, 2010; WATTCHOW; BROWN, 2011; ALLIN; WEST, 2013; FIELD; LAUZON; MELDRUM, 2015; RITCHIE et al., 2015).

Por fim, a EAL tem grandes vantagens no ensino. Ela pode facilmente ser usada de forma inter e multidisciplinar, ou seja, pode ser usada para se trabalhar várias disciplinas interligadas ou pode ser uma ferramenta usada por várias disciplinas sem necessariamente elas interagirem. Isso é de extrema importância, pois a EAL deixa

o aluno em vantagem para aprender conceitos, principalmente ecológicos, e serve como ponte entre o conhecimento adquirido em sala de aula e o ambiente (EICK, 2011).

O estado da EAL no Brasil, como anteriormente citado, ainda está num estágio inicial. O que diversos países enfrentavam no começo do século passado, nós estamos enfrentando praticamente um século depois. Porém há a necessidade de se ver a versatilidade e a eficácia dessa ferramenta, não apenas se baseando em resultados de trabalhos estrangeiros, mas promovendo nossas próprias pesquisas. Temos que ter em vista que as realidades dos sistemas educacionais muitas vezes são tão distintas entre outros países e o Brasil que a simples comparação apenas irá nos dar ideias errôneas sobre essas questões. Além da pesquisa, precisa-se colocar na prática essa ferramenta de ensino, incluindo-a aos currículos escolares e para isso mostra-se a necessidade de uma capacitação para os professores, independente de suas disciplinas, visando com que façam o melhor uso possível da EAL.

4 | EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL

A Educação Experiencial (EE) se baseia na experiência seguida de reflexão, para que assim o conhecimento seja mais bem fixado. O preceito “O que ouço, esqueço; o que vejo, lembro; o que vivo, aprendo” é um dos que melhor descrevem a educação experiencial e seus objetivos. O modelo mais usado para a educação experiencial consiste em: experiência, reflexão, generalização e aplicação (TOMAZINI, 2011).

Apenas a experiência não é o suficiente para gerar o aprendizado na EE, por isso a importância da reflexão, pois o ser humano como ser emotivo tem suas incertezas e problemas como ponto inicial para suas reflexões e aprendizados. Portanto a pura racionalização, ignorando todo o espectro de interesses e construções mentais de cada pessoa, não tem sentido. É na combinação do empirismo com a racionalização que o aprendizado é gerado e o conhecimento é obtido (KUNREUTHER, 2011).

A EE é vista geralmente como um ciclo, sendo o modelo mais comum conhecido como “ciclo de Nadler e Luckner” (DONATO, 2015), e se baseia em quatro etapas: experiência, reflexão, generalização e aplicação:

1. Experiência: Atividades são planejadas objetivando determinado aprendizado. Caso haja a interrupção do ciclo nessa fase, o educador não terá atuado como facilitador do conhecimento, não podendo assim garantir que houve aprendizado.
2. Reflexão: Após a experiência, é necessário refletir sobre ela. Essa fase visa a análise da atividade, buscando entendimento, chegando até a criar hipóteses e conclusões, integrando-as a conhecimentos anteriores. O educador nessa fase dispõe ao aluno esse momento de reflexão além de servir como um auxiliar caso o conceito ou habilidade esteja muito além da capacidade de aprendizado do discente.

3. **Generalização:** Nessa fase há a tentativa de transferir a compreensão obtida em uma situação para outras equivalentes, buscando como aplicá-la em situações cotidianas. O papel do educador é auxiliar o aluno a entender os padrões que busca.
4. **Aplicação:** Nessa fase surge a oportunidade para que os novos conceitos e conhecimentos adquiridos sejam testados em uma situação real. O aluno precisa testar o quão válidas são suas conclusões e solidificar assim seu conhecimento. Ao educador cabe o papel de prover um novo desafio adequado à progressão do aluno (KUNREUTHER, 2011; DONATO, 2015).

Por ser um ciclo, essas fases são contínuas, sendo que a última fase é ao mesmo tempo a primeira de um novo ciclo (KUNREUTHER, 2011).

A EE encoraja os alunos a aplicar os conceitos aprendidos em sala de aula em problemas reais, aumentando assim suas habilidades, como por exemplo: gerenciamento de equipe, tomada de decisões, pensamento crítico, relacionamentos humanos e comunicação (CURTIS; MAHON, 2010; KNOTTS, 2011). Isso é importante, pois muitos alunos não conseguem fazer ligações entre conceitos aprendidos em sala de aula e seu uso na prática, assim não conseguindo ver sentido em tais conhecimentos ou como os usarão no futuro (CURTIS; MAHON, 2010).

Assim como a EAL, a EE é utilizada em vários países na Europa, América do Norte e Oceania, sendo notadamente proeminente nos mesmos países citados para a EAL. No Brasil a Educação Experiencial, assim como a EAL, ainda fica a cargo de instituições como a Outward Bound Brasil e os Escoteiros do Brasil. Apesar de vir crescendo (*e.g.*, NABETA; SILVA, 2010; MOREIRA; MUNCK, 2010; BENEDETTI FILHO et al., 2011; TOMAZINI, 2011; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; DONATO, 2015; SOARES, 2015; MARIANO, 2016; RODRIGUES; MARIANO, 2016) as publicações nacionais nesta área ainda parecem escarças. Isso pode acontecer pelo mesmo motivo pelo qual a prática da EAL não é comum no Brasil: falta de divulgação, de investimento e de treinamento para capacitar profissionais para que atuem nessa área, deixando essa responsabilidade, novamente, para um professor sem o devido preparo para cumprir essa tarefa e que pode se sentir desencorajado a experimentar uma nova ferramenta pedagógica.

Uma vertente muito trabalhada da EE é a Educação pela Aventura (EPA) ou "*Adventure Education*". Não diferente de outras formas educacionais tratadas nessa pesquisa, a EPA sofre de uma dificuldade em sua definição, que geralmente abordam a presença de perigo, seja ele real ou aparente, onde os resultados são incertos, mas influenciados pelas ações dos participantes, além de manter o foco nas experiências vivenciadas pelos educandos nesses contextos (KUNREUTHER, 2011; TOMAZINI, 2011). Assim podemos ver a EPA como a educação experiencial voltada para atividades que envolvem risco ao participante, seja esse risco controlado ou não, sendo que essa atividade pode ser realizada em um ambiente natural ou artificial.

Atualmente essa vertente da EE é amplamente utilizada no Canadá, Estados Unidos da América, Austrália e Inglaterra, onde diversas escolas e universidades

têm como parte de seu currículo programas de EPA (KUNREUTHER, 2011; TOMAZINI, 2011). Escolas de EPA como a *Outward Bound* (OB) e a NOLS destacam-se nesses países. Ambas utilizam em seus cursos diversos esportes ao ar livre, como canoagem, montanhismo, esqui, entre outros, sempre adaptando as técnicas utilizadas às condições locais, como relevo e clima (TOMAZINI, 2011). No Brasil as pesquisas sobre essa ferramenta têm crescido, em grande parte movidas mais pelo ecoturismo do que pela educação e mesmo assim sem trazer grandes novidades ao assunto (*e.g.*, NABETA; SILVA, 2010; TEIXEIRA; MARINHO, 2010; KUNREUTHER, 2011; TOMAZINI, 2011; BANDEIRA; RUBIO, 2011; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; ROSA; CARVALHINHO, 2012; VARGAS, 2012; BERTUZZI; LIMA-SILVA, 2013; PORTO; CARDOSO; SILVA, 2014; SOARES, 2015; MARIANO, 2016; RODRIGUES; MARIANO, 2016; PEREIRA et al., 2016). Porém, as publicações estrangeiras são um pouco mais abrangentes sobre os temas, tratando desde aspectos de formação profissional na área até o estudo sobre os riscos envolvidos nas atividades de aventura, passando inclusive sobre novas abordagens dentro da própria metodologia (*e.g.*, BROWN, 2010; GAUDIO et al., 2010; PASSARELLI; HALL; ANDERSON, 2010; SAMMET, 2010; TUCKER; RHEINGOLD, 2010; WHITTINGTON; MACK, 2010; BEIGHTOL et al., 2012; LEE; EWERT, 2013).

Por fim a educação experiencial pode e já é usada para a educação ambiental e o poder dessa junção já é reconhecido em estudos (GEORGOPOULOS; BIRBILI; DIMITRIOU, 2011). Uma viagem de campo, com a devida orientação e planejamento, pode ir além de uma simples visita a um ambiente natural e se transformar no ponto de partida para uma reflexão sobre o estado daquele ambiente, podendo ser extrapolado para níveis maiores, criando assim um pensamento crítico. A EPA em ambientes naturais pode ser a chave para que finalmente o aluno consiga enxergar-se como parte da natureza, pois não apenas estará inserido nela, como também estará a vivenciando, enfrentando os desafios nela intrínsecos e observando o impacto que a sua presença e a de outros seres vivos causam. Porém deve-se tomar cuidado para que isso não se transforme em uma simples disputa “homem vs natureza”, o indivíduo não pode ver a natureza apenas como um obstáculo a ser vencido para o seu divertimento, mas sim como um lugar onde tanto ele como outros seres vivos habitam e que por si só possui suas adversidades tanto para ele quanto para qualquer ser vivo. O educando deve ser sempre encorajado a pensar de forma abrangente sobre as ações que está realizando, assim o educador responsável estará fortalecendo a vertente transformadora da EA no seu discente.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com essa pesquisa que a educação ambiental e, conseqüentemente, ferramentas e metodologias que possam ser utilizadas para ela ainda está em um

momento de descoberta e transformação no meio científico brasileiro. A análise dos trabalhos desses seis anos mostrou que novas vertentes e pensamentos sobre a temática estão surgindo na pesquisa nacional, porém ainda há a necessidade de trazer novas ideias que agreguem conhecimento à área. Assim como há a necessidade urgente de trabalhos que utilizem essas ferramentas inovadoras para aplicar e transformar a educação ambiental.

Ações realizadas em outros países podem e devem ser trazidas e incorporadas ao nosso sistema de ensino, mas devemos adaptá-las à nossa realidade. Isso se faz necessário, pois o sistema de ensino dos países onde essas ferramentas são largamente utilizadas difere do nosso tanto em estrutura quanto na própria filosofia que os guia. Sendo assim, apenas importar os conhecimentos estrangeiros para nossa realidade pode se mostrar frustrante e ineficaz. Futuros trabalhos devem tratar de pesquisar, de forma objetiva e quantitativa, o impacto das ferramentas de educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura na absorção de conhecimentos e na criação de um pensamento crítico para com a questão ambiental dos estudantes brasileiros.

Por fim, as análises dos trabalhos nacionais mostram que há ainda a carência de entendimento da importância de se fazer educação ambiental experiencial ao ar livre. Essa ferramenta educacional não se trata apenas de obtenção do conhecimento acadêmico, mas também é sobre autoconhecimento e empoderamento para que assim o educando possa se valer de um pensamento crítico para entender não só o ambiente que o cerca, como também como ele está inserido nele e como suas ações o impactam de forma positiva ou negativa.

REFERÊNCIAS

ALLIN, Linda; WEST, Amanda. Feminist Theory and Outdoor Leadership. In: BEAMES, Simon; PIKE, Elizabeth. **Outdoor Adventure and Social Theory**. London: Routledge, 2013. Cap. 11. p. 113-124.

ANDRADE, Laura Magalhães de. **Educação ambiental crítica**: breves considerações conceituais, metodológicas e institucionais. **Simioses: Revista Científica**, [s. L.], v. 10, n. 02, p.13-28, jan. 2016.

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. **Corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano**. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.97-110, mar. 2011.

BEIGHTOL, Jesse et al. **Adventure Education and Resilience Enhancement**. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 2, p.307-325, 1 mar. 2012.

BENEDETTI FILHO, Edemar et al. **Na trilha da ciência**: uma atividade lúdica ao ar livre envolvendo o ensino de química. **Experiências em Ensino de Ciências**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.07-15, 2011.

BERKERS, Anthony. **Teaching Adventure Education Theory: Best Practices**. **Journal Of Experiential Education**, [s. L.], v. 3, n. 32, p.332-334, 2010.

BERTUZZI, Rômulo; LIMA-SILVA, Adriano Eduardo. Principais características dos estilos de escalada

em rocha e indoor. **Acta Brasileira do Movimento Humano**, [s.l.], v. 03, n. 03, p.31-46, jun./out. 2013.

BIEBERBACH, Gregory Tauan Ramos. **Educação outdoor: uma “ferramenta” no ensino de ciências e biologia**. 2013. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Desconhecido, Universidade Federal do Paraná., Curitiba, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Código Civil: Lei de Educação Ambiental**. Brasília, 27 abr. 1999.

BROWN, Mike. **Transfer: Outdoor Adventure Education’s Achilles Heel? Changing Participation as a Viable Option**. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 1, p.13-22, 2010.

CARVALHO, Sara; LIMA, Nelson. **Compostagem doméstica em educação ambiental: potencial de uma abordagem holística. Captar: Ciência e ambiente para todos**, Aveiro, v. 2, n. 2, p.40-54, jan. 2010.

CURTIS, Kynda; MAHON, Jennifer. **Using Extension Fieldwork to Incorporate Experiential Learning into University Coursework**. **Journal Of Extension**, Reno, v. 48, n. 2, p.1-08, abr. 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. [s. L.]: Gaia, 2004. 551 p.

DONATO, Cassius Macssuara Martins. **Aprendizagem experiencial de gerentes de vendas**. 2015. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

EICK, Charles J. **Use of the Outdoor Classroom and Nature-Study to Support Science and Literacy Learning...** **Journal Of Science Teacher Education**, [s.l.], v. 23, n. 7, p.789-803, 3 maio 2011.

FERNANDES NETO, João. **Das Concepções às Práticas: Educação Ambiental, Meio Ambiente E Qualidade De Vida No Ensino Fundamental**. São Paulo: Sesi-sp, 2012. 175 p.

FERREIRA, Aida Maria de Figueiredo. **Interação criança-espço exterior em jardim de infância**. 2015. 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2015.

FIELD, S. C.; LAUZON, L. L.; MELDRUM, J. T. **A Phenomenology of Outdoor Education Leader Experiences**. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.31-44, 19 out. 2015.

GAUDIO, Flavio G.; GREENWALD, Peter W.; HOLTON, Mark. **Injury and Illness in College Outdoor Education**. **Wilderness & Environmental Medicine**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.363-370, 2010.

GEORGOPOULOS, Alexandros; BIRBILI, Maria; DIMITRIOU, Anastasia. **Environmental Education (EE) and Experiential Education: A Promising “Marriage” for Greek Pre-School Teachers**. **Creative Education**, [s.l.], v. 02, n. 02, p.114-120, 2011.

HILL, Allen. **Reflections on Beliefs and Practices from a Group of New Zealand Outdoor Educators: Consistencies and Conflicts**. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 1, p.30-40, 2010.

HOPKINS, David; PUTNAM, Roger. **Personal Growth Through Adventure**. London: D. Fulton, 1993. 241 p.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], v. 1, n. 118, p.189-206, mar. 2003.

KILIMNIK, Zélia Miranda; REIS, Eder Menezes. **O treinamento experiencial e sua aplicação no**

contexto corporativo: estudo comparativo entre programas de treinamento realizados nos Estados Unidos e no Brasil. **Revista Fae**, Curitiba, v. 13, n. 2, p.1-14, jul./dez. 2010.

KLEIN, Angela Luciane; TROIAN, Alessandra; SOUZA, Marcelino de. **O turismo rural pedagógico e a educação ambiental:** as ações pedagógicas desenvolvidas na fazenda quinta da estância grande – Viamão (RS). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. L.], v. 27, n. 1, p.107-121, jun./dez. 2011.

KNOTTTS, Tami L. **The SBDC in the classroom:** providing experiential learning opportunities at different entrepreneurial stages. **Journal Of Entrepreneurship Education**, [s. L.], v. 14, n. 01, p.25-38, 2011.

KUNREUTHER, Flavio Theodor; FERRAZ, Osvaldo Luiz. **Educação ao ar livre pela aventura:** o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.437-454, jun. 2012.

LEE, K.; EWERT, A. Adventure Programs and Diverse Family Styles. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 36, n. 2, p.123-138, 1 jun. 2013.

MARIANO, Erich de Freitas. **Potencial para o uso da escalada em rocha como Ferramenta de educação ambiental experiencial no Sertão da paraíba.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais III CONEDU**. [s.l.]: Editora Realize, 2016. p. 01 - 06.

MARINHO, Antonielia Moraes. **Percepção Ambiental dos praticantes do esporte orientação:** ferramenta para implementação da Educação Ambiental no Brasil. 2014. 127 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Biológicas, Centro de Biotecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MARPICA, Natália Salan; LOGAREZZI, Amadeu José Montagnini. **Um panorama das pesquisas sobre livro didático e educação ambiental.** **Ciência & Educação (bauru)**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.115-130, jan. 2010.

MARQUES, Maurício Dias; DIAS, Lucas Seolin. **Reflexões acerca da educação ambiental conscientizada em ações efetivas e práticas.** **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, [s.l.], v. 9, n. 6, p.1-15, 10 nov. 2013. Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/474>. Acesso em: 03 fev. 2017.

MOREIRA, Carlos Eduardo Rodrigues; MUNCK, Luciano. **Estilos de aprendizagem versus treinamento vivencial ao ar livre.** **Revista de Administração da Ufsm**, Santa Maria, v. 25, n. 09, p.09-25, jan./abr. 2010.

NABETA, Newton Norio; SILVA, Cinthia Lopes da. **Atividades de aventura na natureza:** significados para praticantes divulgadores. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p.01-39, jun. 2010.

OUTWARD BOUND BRASIL. **O aprendizado através da experiência.** 2017. Disponível em: <<https://www.obb.org.br/2017/quem-somos/metodologia>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

PALAVAN, Ozcan; CICEK, Volkan; ATABAY, Merve. **Perspectives of Elementary School Teachers on Outdoor Education.** **Universal Journal Of Educational Research**, [s.l.], v. 4, n. 8, p.1885-1893, ago. 2016.

PASSARELLI, Angela; HALL, Eric; ANDERSON, Mallory. **A Strengths-Based Approach to Outdoor and Adventure Education: Possibilities for Personal Growth.** **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.120-135, 1 set. 2010.

PEDRINI, Alexandre; COSTA, Érika Andrade; GHILARDI, Natalia. **Percepção ambiental de crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental.** **Ciência &**

Educação (bauru), [s.l.], v. 16, n. 1, p.163-179, jan. 2010.

PEREIRA, Lucinéia Bernardes de Paula et al. **O profissional de Educação Física e o meio ambiente**: uma experiência de educação ambiental e a melhora da qualidade de vida dos moradores dos centros urbanos. **Archives Of Health Investigation**, [s.l.], v. 5, n. 4, p.223-228, 4 set. 2016.

PINHEIRO, Damaris Kirsch; EVANGELHO, Sandra de David. **Educação ambiental na escola**: conscientização da necessidade de proteção contra a radiação ultravioleta. **A Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - Reget/ufsm**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p.85-98, nov. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/2298>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

PORTO, Pedro da Costa; CARDOSO, Eduardo Schiavone; SILVA, Jaqueline da. **O Potencial do Ecoturismo e do Turismo de Aventura no Município de Santa Maria-RS e seu Entorno**. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 25, n. 2, p.261-271, 31 ago. 2014.

RITCHIE, Stephen D. et al. **Connecting to the Good Life through outdoor adventure leadership experiences designed for Indigenous youth**. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, [s.l.], v. 15, n. 4, p.350-370, 19 jun. 2015.

RODRIGUES, Danilo Batista; MARIANO, Erich de Freitas. **Educação Ambiental Experiencial Ao Ar Livre**: Uma Revisão. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 1., 2016, Campina Grande. **Anais...** .Campina Grande: Editora Realize, 2016. v. 1, p. 01 - 06.

ROSA, Paulo Filipe; CARVALHINHO, Luís Alberto Dias. **A educação ambiental e o desporto na natureza**: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. **Movimento: revista de educação física a UFRGS**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p.259-280, jun./set. 2012.

RUA, Emílio R.; SOUZA, Paulo Sérgio Alves de. **Educação ambiental em uma abordagem interdisciplinar e contextualizada por meio das disciplinas química e estudos regionais**. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 32, n. 2, p.95-100, maio 2010.

SAMMET, Kara. Relationships Matter: **Adolescent Girls and Relational Development in Adventure Education**. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.151-165, 1 set. 2010.

SANTOS, Mariane Cyrino dos; FLORES, Mônica Dutra; ZANIN, Elisabete Maria. **Educação ambiental por meio de trilhas ecológicas interpretativas com alunos nees**. **Revista Monografias Ambientais**, [s.l.], v. 5, n. 5, p.982-991, 23 jan. 2012.

SILVA, Ivólinda Magali Rodrigues da. **Práticas pedagógicas em educação ambiental: uma visão freiriana para um complemento na formação de normalistas**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 1., 2010, Bauru. **Anais...** . Bauru: Ibeas, 2010. v. 1, p. 01 - 03.

SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: o método de educação física de Georges Hébert**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 37, n. 2, p.151-157, abr. 2015.

SOUZA, Débora Aparecida de. **Valores éticos e estéticos relativos à temática ambiental em livros de Literatura Infantil**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

SOUZA, Vanusa Tubbs de et al. **Trilhas interpretativas como instrumento de educação ambiental**. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, [s. l.], v. 5, n. 2, p.294-304, ago. 2012.

STAPP, William B. et al. **The Concept of Environmental Education**. **The Journal Of Environmental Education**, London, v. 1, n. 1, p.30-31, nov. 1969.

TAL, Tali; MORAG, Orly. **A longitudinal study of environmental and outdoor education**: A cultural change. **Journal Of Research In Science Teaching**, [s.l.], v. 50, n. 9, p.1019-1046, 24 set. 2013.

TEIXEIRA, Fabiano Augusto; MARINHO, Alcyane. **Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira.** *Motriz. Revista de Educação Física. Unesp*, [s.l.], v. 16, n. 3, p.536-548, 12 abr. 2010.

THOMAS, Glyn. **Facilitator, Teacher, or Leader?: Managing Conflicting Roles in Outdoor Education.** *Journal Of Experiential Education*, [s. L.], v. 32, n. 3, p.239-254, 2010.

TOMAZINI, Mariana Vannuchi. **Resiliência E Educação Experiencial Pela Aventura Em Ambientes Naturais.** 2011. 160 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia do Esporte, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2011.

TUCKER, Anita R.; RHEINGOLD, Alison. **Enhancing Fidelity in Adventure Education and Adventure Therapy.** *Journal Of Experiential Education*, [s.l.], v. 33, n. 3, p.258-273, 1 jan. 2010.

VARGAS, Gabriel Rocha. **Lazer e participação em um grupo de praticantes de escalada.** 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VIEIRA, Rogério Márcio Fonseca. **A degradação ambiental à luz da psicanálise: O direito e a educação ambiental como instrumentos de preservação da vida.** 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Direito, Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, 2016.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agentes Comunitários de Saúde 98, 101, 106, 107

Agrotóxicos 2, 3

Aprender pela Experiência 174

Atenção Primária à Saúde 35, 36, 39, 40, 43, 44

B

Business Intelligence 109, 110, 114, 115

C

Cidadania Planetária 99, 107, 108

Contextos socioculturais 185

D

Desempenho Acadêmico 109

E

Educação 2, 5, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 23, 26, 33, 34, 35, 41, 53, 56, 61, 66, 70, 74, 76, 77, 78, 80, 87, 98, 99, 107, 108, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 146, 147, 148, 159, 164, 169, 170, 171, 175, 176, 183, 197, 198, 201, 202, 207, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 221, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 234, 236, 242, 243, 245, 253, 254, 263, 265, 268, 274, 275, 276, 286, 295, 297, 298, 301, 302, 305, 306, 307, 313, 323, 324, 325, 327, 329, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 344, 345, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 360, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 368

Educação de Jovens e Adultos 3, 74, 197, 198, 201, 216

Educação em Saúde 35

Educação Feminina 23, 34

Educação Matemática Inclusiva 78

Empreendedorismo 202

Enfermagem 35, 43, 44, 254

Escola técnica 202

Estado do Conhecimento 66

Estágio Supervisionado 197, 198, 201

F

Formação de Professores 66, 76, 229, 274, 287, 288, 321, 351

G

Gestão da Informação 109, 111, 112

I

Identidade Docente 66

L

Livros paradidáticos 135, 148

M

Metodologias ativas de aprendizagem 7, 45

Método Psicanalítico de Pesquisa 185

O

Observatório da Educação 78, 80

P

Pensamento Complexo 99, 101

Planejamento 35, 133, 171, 295, 320, 326, 368

Política Educacional 125, 229

Práticas agroecológicas 2

Práticas Docentes 218

Processos clínicos 185

Professor universitário 160

Promoção à Saúde 35

R

Relações familiares 245

S

Sistemas de Informação 109, 113

Subjetividade 224, 229, 245

Sujeitos 245

T

Técnicos em Assuntos Educacionais 125, 126, 127, 129, 130, 134

Tecnologia da Informação 109, 113

Transferência-construtiva 185

Transgeracionalidade 174, 184

Transmissão Psíquica 174

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-555-6

